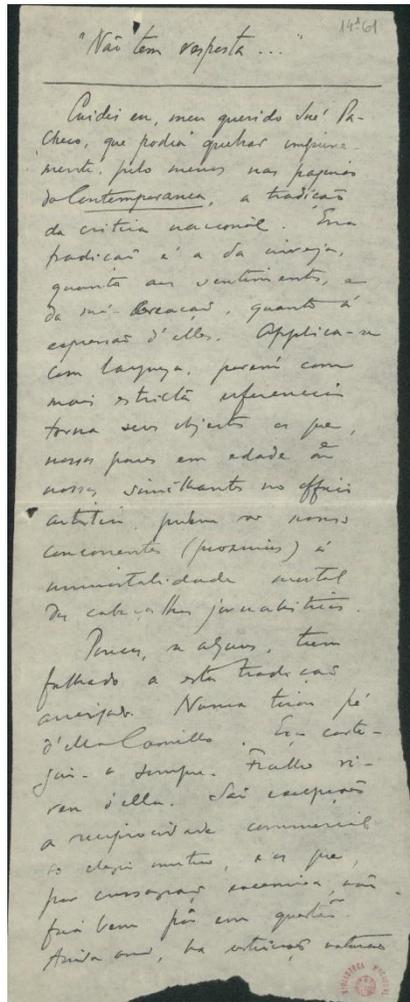


BNP/E3, 14¹ - 61^r



Transcrição

"Não tem resposta..."

Cuidei eu, meu querido José Pacheco, que podia quebrar impunemente, pelo menos nas paginas da *Contemporanea*, a tradição critica nacional. Essa tradição é a da inveja, quanto aos sentimentos, e da má-creação, quanto á expressão d'elles. applica-se com largueza, porém com mais estriccta referencia torna seus objectos os que, nossos pares em idade ou /e\ nossos semelhantes no officio artistico podem ser nossos concorrentes (proximos) á imortalidade mortal dos cabeçalhos jornalisticos

Poucos, se alguns, teem falhado a esta tradição arraigadada. Nunca tirou pé d'ella Camillo. Eça cortejou-a sempre. Fialho viveu d'ella. São excepções a reciprocidade commercial do elogio mutuo, e os que, por consagração excessiva, não fica bem pôr em questão. Ainda assim, ha resctricções naturaes

BNP/E3, 14¹ - 62^r

2
14-62

a esta excepção generosa. O elogio mutuo cessa quando deixa de ser exactamente mutuo - no grau como na qualidade. Aos que aqui consagram é de uso atacar quando morrem. É ~~um signal de independencia~~ o grande signal de independencia - o unico - que exorna a critica portugueza: o desprezo scientifico (a unica manifestação scientifica entre nós) ~~pele~~ por o *de mortuis nil nisi bonum* da sentimentalidade classica.

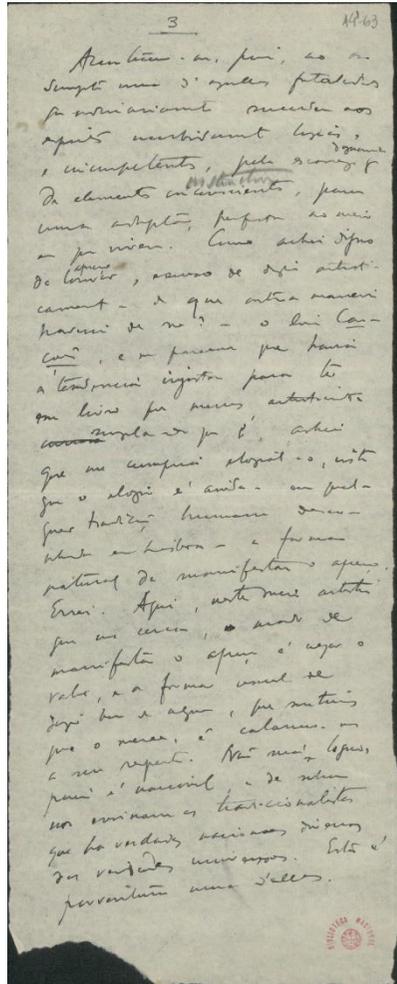
Fiz mal em querer ser differente, não só pela presumpção que isso revela, senão tambem pela inadaptação ao meio, e portanto a degenerescencia, que representa. § Sendo da mesma geração que Antonio Botto, trabalhando, como elle, tambem em verso, não ~~ha vindo~~ tendo assegurado que elle fizesse de mim um elogio publico e compensador, o meu dever nacional - patriotico, quando era, sendo eu inhabil porém bom portuguez, de o insultar em linguagem escripta ou, sendo ~~nisso habil~~ igualmente lusitano porém mais habil, de collocar sobre elle todo o peso que houvesse no meu silencio.

Transcrição

a estas excepções generosas. O elogio mutuo cessa quando deixa de ser exactamente mutuo - no grau como na qualidade. Aos que aqui consagram é de uso atacar quando morrem. É ~~um signal de independencia~~ o grande signal de independencia - o unico - que exorna a critica portugueza: o desprezo scientifico (a unica manifestação scientifica entre nós) ~~pele~~ por o *de mortuis nil nisi bonum* da sentimentalidade classica.

Fiz mal em querer ser differente, não só pela presumpção que isso revela, senão tambem pela inadaptação ao meio, e portanto a degenerescencia, que representa. § Sendo da mesma geração que Antonio Botto, trabalhando, como elle, tambem em verso, não ~~ha vindo~~ tendo assegurado que elle fizesse de mim um elogio publico e compensador, o meu dever nacional - patriotico, quando era, sendo eu inhabil porém bom portuguez, de o insultar em linguagem escripta ou, sendo ~~nisso habil~~ igualmente lusitano porém mais habil, de collocar sobre elle todo o peso que houvesse no meu silencio.

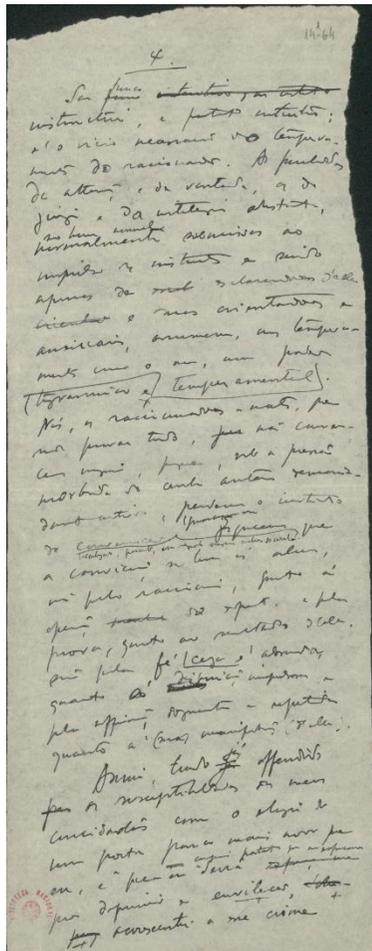
BNP/E3, 14¹ - 63^e



Transcrição

Aconteceu-me, porém, no assumpto uma d'aquellas fatalidades que ordinariamente succedem aos espiritos morbidamente logicos, e incompetente, pela escassez dinamica de elementos inconscientes /intinctivos/, para uma adaptação perfeita ao meio em que viveu. Como achei digno de louvor /apreço/, excuso de dizer artisticamente - de que outra maneira haveria de ser? - o livro *Canções*, e me parecesse que havia a tendencia injusta para ter esse livro por menos artisticamente ~~curioso~~ singelo do que é, achei que me cumpria elogial-o, visto que o elogio é ainda - em qualquer tradição humana desconhecida em Lisboa - a forma natural de manifestar o apreço. Errei. Aqui, neste meio artistico que nos cerca, o modo de manifestar o apreço é negar o valor, e a forma usual de dizer bem de alguem, que sentimos que o merece, é calarmo-nos a seu respeito. Não será logico, porém é nacional, e de sobra nos ensinaram os tradicionalistas que ha verdades nacionais diversas das verdades universaes. Esta é porventura uma d'ellas.

BNP/E3, 14¹ - 64^r



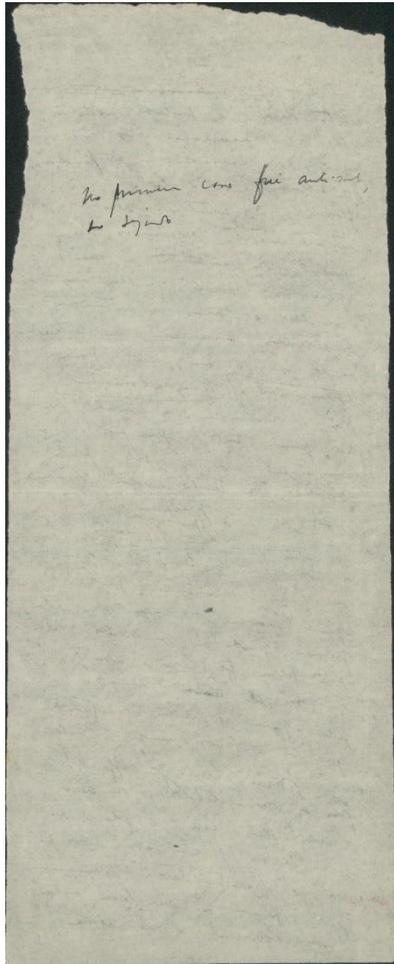
Transcrição

Sou pouco pouco ~~instintivo~~, ~~ou intuitivo~~ instintivo, e portanto intuitivo; é o vício necessário do temperamento do raciocinador. As faculdades de atenção e de vontade, as do juízo e da intelligencia abstracta, normalmente /no homem normal\ submissas ao impulso dos instinctos e servindo apenas de ~~real~~ esclarecedoras d'elle ~~orientad~~ e suas orientadoras e auxiliares, assumem, nos temperamentos como o meu, um poder temperamental e tyrannico. Nós, os raciocinadores-natos, querendo provar tudo, ~~per~~ não convencemos ninguém, porque, sob a pressão morbida do cerebro anterior demasiadamente activo, perdemos o /quanto ao\ instincto de convencer (localizado, percebo, em regiões menos nobres do cerebro) por processos que a convicção se leva ás almas, não pelo raciocinio, quanto á operação ~~mental~~ do espirito, e pela prova, quanto ao resultado d'ella, senão pela fé |cega| e absurda, quanto á disposição impulsora e pela affirmacção dogmatica e repetida quanto á (sua) manifestação /d'ella\.

Assim, tendo já já offendido ~~pes~~ as susceptibilidades dos meus concidadãos com o elogio de um poeta pouco mais novo que eu, a quem eu "devia" ~~esforçar-me eu~~ cumprir portanto que me esforçasse por deprimir e |envilecer|, ~~sobre~~ ~~porque~~ accrescentei a esse crime

BNP/E3, 14¹ - 64^v

Transcrição



No primeiro caso fui anti-social,
no segundo {...}

BNP/E3, 14¹ - 65^o

degenerativo, o crime logico de ser
logico, a viciosa [...] de pretender
convencer pela prosa e provar pela
demonstração.

Não me desculpo, não me defendo.
Confesso o meu erro, e se tão longamente
insisto nelle, e fallo de mim, e que para
defender confessar-me tenho que explicar-
me, e para explicar-me não posso deixar-
me inteiramente fora de explicação.

*

Não falta, nem sequer tarda, a
manifestação, bem clara, bem nacional,
bem normalmente anti-logica, da
reprovação publica a /da\ minha insolita
attitude. Tendo errado, e tendo, como
vicio de raciocinador, a tender para
preferir confessar os erros de a
persistir nelles teimosamente nelles, na
quero deixar expresso o meu
agradecimento, tanto ao meu amigo Alvaro
Maia, que se promoveu a voz do publico
indignado, como a você, meu querido José
Pacheco, que, para desaggravo da opinião
geral offendida admitiu nas suas
convidou para as paginas da sua revista o
artigo em que, se é certo que eu sou
contraditado sem logica, e o artista
sobre quem escrevi aggraviado
|pessoalmente| /!*soezmente|\ sem culpa, se
põe o resultado publico é comtudo
desaggravo do insulto, escripto do qual,
publicando o meu estudo, você, até certo
ponto, se tornou responsavel.

Transcrição

degenerativo, o crime logico de ser
logico, a viciosa [...] de pretender
convencer pela prosa e provar pela
demonstração.

Não me desculpo, não me defendo.
Confesso o meu erro, e se tão longamente
insisto nelle, e fallo de mim, e que para
defender confessar-me tenho que explicar-
me, e para explicar-me não posso deixar-
me inteiramente fora de explicação.

*

Não falta, nem sequer tarda, a
manifestação, bem clara, bem nacional,
bem normalmente anti-logica, da
reprovação publica a /da\ minha insolita
attitude. Tendo errado, e tendo, como
vicio de raciocinador, a tender para
preferir confessar os erros de a
persistir nelles teimosamente nelles, na
quero deixar expresso o meu
agradecimento, tanto ao meu amigo Alvaro
Maia, que se promoveu a voz do publico
indignado, como a você, meu querido José
Pacheco, que, para desaggravo da opinião
geral offendida admitiu nas suas
convidou para as paginas da sua revista o
artigo em que, se é certo que eu sou
contraditado sem logica, e o artista
sobre quem escrevi aggraviado
|pessoalmente| /!*soezmente|\ sem culpa, se
põe o resultado publico é comtudo
desaggravo do insulto, escripto do qual,
publicando o meu estudo, você, até certo
ponto, se tornou responsavel.

BNP/E3, 14¹ - 66^o

6
X

14^o 66

Não creia, meu querido José Pacheco, que é por mero cortejo ou esteril galanteio litterario, que assim o incluo, com Alvaro Maia, no meu agradecimento. Esse agradecimento é-lhe ~~deveras~~ realmente devido. Nem, quando digo que convidou para as suas paginas o artigo em que Alvaro Maia respondeu a uma *Manual Practico de Pederastia* que eu não me recordo de ter escripto, nem no futuro, eu me permita escrever ironicamente ou attribuir-lhe qualquer boa-intenção que presumivelmente você não tenha /tivesse\ tido.

Propriamente fallando, e pelas razões que posso /vou\ dizer-lhe, o artigo de Alvaro Maia é uma especie de collaboração entre elle e você. Elle escrevendo-o, e você publicando-o, collaboraram. Mas do mesmo modo - disse você modestamente - collabora você com todos quantos escrevem na *Contemporanea*. Não é justo para comigo se pensar assim. O caso do artigo de Alvaro Maia não é o de uma collaboração vulgar, e vou provar-lhe (Você e o publico que desculpem /m'º perdoem\!) que o não é.

Transcrição

*

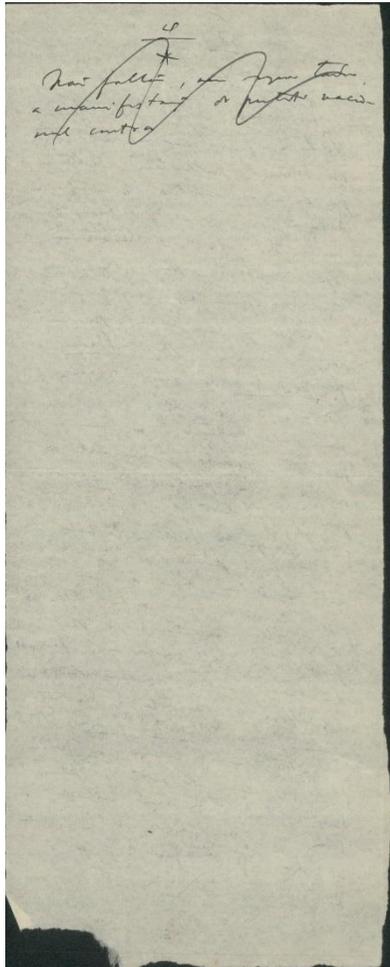
Não creia, meu querido José Pacheco, que é por mero cortejo ou esteril galanteio litterario, que assim o incluo, com Alvaro Maia, no meu agradecimento. Esse agradecimento é-lhe ~~deveras~~ realmente devido. Nem, quando digo que convidou para as suas paginas o artigo em que Alvaro Maia respondeu a uma *Manual Practico de Pederastia* que eu não me recordo de ter escripto, nem no futuro, eu me permita escrever ironicamente ou attribuir-lhe qualquer boa-intenção que presumivelmente você não tenha /tivesse\ tido.

Propriamente fallando, e pelas razões que posso /vou\ dizer-lhe, o artigo de Alvaro Maia é uma especie de collaboração entre elle e você. Elle escrevendo-o, e você publicando-o, collaboraram. Mas do mesmo modo - disse você modestamente - collabora você com todos quantos escrevem na *Contemporanea*. Não é justo para comigo se pensar assim. O caso do artigo de Alvaro Maia não é o de uma collaboração vulgar, e vou provar-lhe (Você e o publico que desculpem /m'º perdoem\!) que o não é.

MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 14¹ - 66^v



Transcrição

±

~~Não falta, nem sequer tarda, a manifestação do postulado
racional contra~~

7

As opiniões expressas em um artigo assignado não são da responsabilidade da direcção ~~de uma~~ da revista ou jornal que as insere; é-o tão sómente o tom do /a inserção, a presença do\ artigo. Ora qualquer /uma\ publicação, periodica ou outra, tem forçosamente uma orientação qualquer, de certo modo definida. Com essa orientação tem o artigo inserto, assignado /patentemente\ que seja, que convir. Quando não convenha, haverá ~~responsabilidade das~~ ~~ideias d'elle~~ será na verdade do seu author; ~~as da sua inserção~~ a culpar, ou a louvar, só das suas ideias o seu author, da sua orientação, por certo, o director da publicação em que appareceu. Se alguém publicasse na *Epocha* um artigo vulgarmente cortez para com um protestante ou um judeu /racionalista\, com razão culpariam os leitores /as leitoras\ d'aquelle jornal, de certo modo o seu author, certamente o snr conselheiro F^{do} de Souza, alguém incapaz do aggravo, que é puro exemplo hypothetico. Se nas columnas da *Batalha* surgisse inesperadamente um escripto combatendo o uso quotidiano dos explosivos como argumento sociologico, o operariado consciente que orienta o seu espirito philosophico pelas lições d'aquelle manual de pseudo-futuro, protestaria decerto, não tanto

As opiniões expressas em um artigo assignado não são da responsabilidade da direcção ~~de uma~~ da revista ou jornal que as insere; é-o tão sómente o tom do /a inserção, a presença do\ artigo. Ora qualquer /uma\ publicação, periodica ou outra, tem forçosamente uma orientação qualquer, de certo modo definida. Com essa orientação tem o artigo inserto, assignado /patentemente\ que seja, que convir. Quando não convenha, haverá ~~responsabilidade das~~ ~~ideias d'elle~~ será na verdade do seu author; ~~as da sua inserção~~ a culpar, ou a louvar, só das suas ideias o seu author, da sua orientação, por certo, o director da publicação em que appareceu. Se alguém publicasse na *Epocha* um artigo vulgarmente cortez para com um protestante ou um judeu /racionalista\, com razão culpariam os leitores /as leitoras\ d'aquelle jornal, de certo modo o seu author, certamente o snr conselheiro F^{do} de Souza, alguém incapaz do aggravo, que é puro exemplo hypothetico. Se nas columnas da *Batalha* surgisse inesperadamente um escripto combatendo o uso quotidiano dos explosivos como argumento sociologico, o operariado consciente que orienta o seu espirito philosophico pelas lições d'aquelle manual de pseudo-futuro, protestaria decerto, não tanto

BNP/E3, 14¹ - 68^o

Contra o author do artigo, porém /quanto\
mais vibrantemente, contra o director do
periodico - que não sei quem seja, mas
que ~~servindo-me~~ servindo-me o caso e o
jornal de simples hypotheses para
exemplo, julgo ~~juro~~ supponho incapaz de
faltar assim aos seus principios
humanitarios.
É a Contemporanea uma revista de
arte e de litteratura, e ninguem mais do
que eu, meu querido José Pacheco, tem
sido assiduo nos louvores a ella e a
você, seu director. Não foi estabelecida
- |salvo erro ou omissão, como se diz nas
facturas| - para fins de polemica, nem
para que nella se exemplifique, *in anima*
vili dos proprios collaboradores, o
estyllo litterario que fez a fortuna moral
do ~~justo~~ mundo nos saudosos tempos
d'aquella propaganda cujos pomos de oiro
estamos todos, ~~colhendo~~ que sigam as
artes, /um pouco mais explosivos que se fossem de oiro,\
colhendo. /estamos desmantelando.\

Assim, apparando nas paginas da sua
revista um artigo da especie a que me
refiro, ~~força é que com~~ tão
manifestamente contrario á indole, não só
de uma revista litteraria, senão tambem
de um jornal decente, ~~não ha senão que me~~
e não podendo haver duvidas ~~quanto ao~~
sobre a quanto lhe é contrario, porque é
um

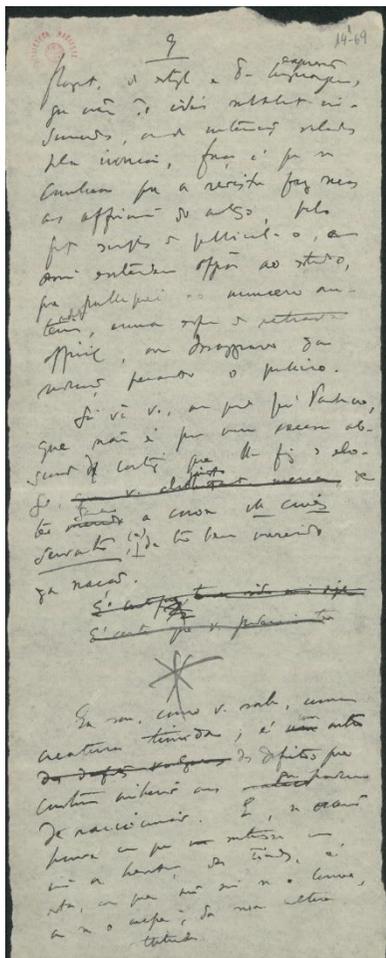
Transcrição

contra o author do artigo, porém /quanto\
mais vibrantemente, contra o director do
periodico - que não sei quem seja, mas
que ~~servindo-me~~ servindo-me o caso e o
jornal de simples hypotheses para
exemplo, julgo ~~juro~~ supponho incapaz de
faltar assim aos seus principios
humanitarios.

É a Contemporanea uma revista de
arte e de litteratura, e ninguem mais do
que eu, meu querido José Pacheco, tem
sido assiduo nos louvores a ella e a
você, seu director. Não foi estabelecida
- |salvo erro ou omissão, como se diz nas
facturas| - para fins de polemica, nem
para que nella se exemplifique, *in anima*
vili dos proprios collaboradores, o
estyllo litterario que fez a fortuna moral
do ~~justo~~ mundo nos saudosos tempos
d'aquella propaganda cujos pomos de oiro
estamos todos, ~~colhendo~~ que sigam as
artes, /um pouco mais explosivos que se fossem de oiro,\
colhendo. /estamos desmantelando.\

Assim, apparando nas paginas da sua
revista um artigo da especie a que me
refiro, ~~força é que com~~ tão
manifestamente contrario á indole, não só
de uma revista litteraria, senão tambem
de um jornal decente, ~~não ha senão que me~~
e não podendo haver duvidas ~~quanto ao~~
sobre a quanto lhe é contrario, porque é
um

BNP/E3, 14¹ - 69^o



Transcrição

flagrante, do estylo e da linguagem /expressão\, que não de idéas subtilmente insinuadas, ou de intenções veladas pela ironia, força é que se conceda que a revista faz suas as affirmações do artigo, pelo facto simples de publical-o, e assim entendem oppôr ao estudo, que publiquei no numero anterior/cedente\, numa especie de retracto official, ou desaggravo da redacção perante o publico.

Só vê você, meu querido José Pacheco, que não é por um excesso absurdo de cortejo que lhe fiz o elogio, ~~que você absolutamente merece~~ justo de ter merecido ganho a coroa de cives servatos, (e) de ter bem merecido da nação.

~~É certo que teria sido mais simples~~

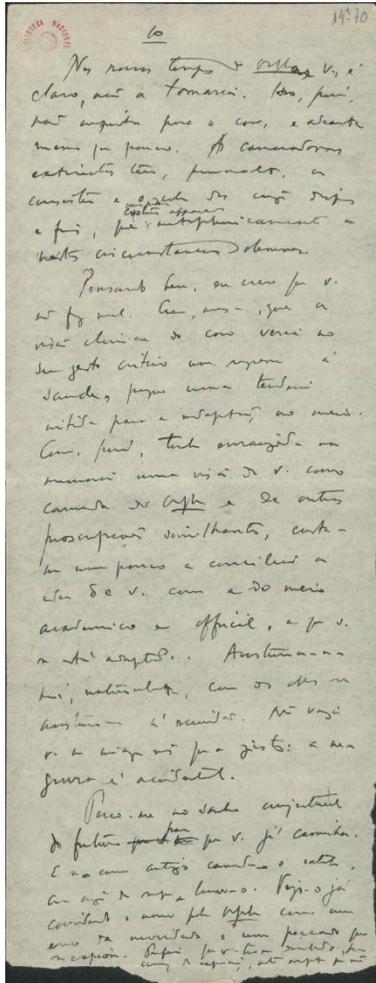
~~É certo que v. poderia ter~~

*

Eu sou, como você sabe, uma creatura tímida, é ~~um~~ um outro ~~dos~~ ~~defeitos vulgares~~ dos defeitos que costuma inherir aos ~~raeis~~ que padecem de raciocinar. E, se occasião houve em que ~~me~~ sentisse ou não a hesitação dos tímidos, é esta, em que não sei se o louve, ou se o culpe, da sua altiva attitude.

BNP/E3, 14¹ - 70²

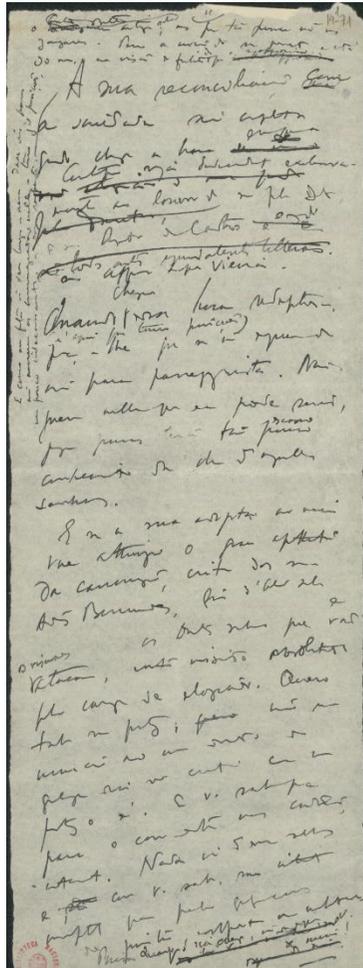
Transcrição



Nos nossos tempos de *Orpheu*, você, é claro, não a tomaria. Isso, porém, não importa para o caso, e adianta menos que pouco. As camaradagens extintas teem, provavelmente, a consistencia e o valor dos amigos dignos e firmes, que costumam apparecer ^{/bem podem\} metaphoricamente e nestas circumstancias solemnes.

Pensando bem, eu creio que você não fez mal. Creio, mesmo, que a visão clinica do caso veria no seu gesto critico um regresso á saude, porque uma tendencia nitida para a adaptação ao meio. Como, porém, tenho enraizada na memoria uma visão de você como camarada de *Orpheu* e de outras proscricções semelhantes, custa-me um pouco a conciliar a idea de você com a do meio academico e official, a que você se está adaptando. Acostumar-me-hei, naturalmente, como os olhos se acostumam á escuridão. Não veja você meu amigo mais que a justeza: a negrura é accidental.

Perco-me no sonho conjectural do futuro ~~que v. em~~ para que você já caminha. E se, como antigo camarada o exalto, como amigo de sempre, louvo-o. Vejo-o já considerando o nosso pobre *Orpheu* como um erro da mocidade e um peccado que se expiou. Preferia que você tivesse escolhido, para começo da expiação, outro assumpto que não



o ~~de um~~ meu artigo sobre Antonio Botto; mas por tão pouco não nos zangaremos. Perco a noção do seu presente e até do meu, na visão do futuro do que ~~se lhe~~ ~~aproxima~~ se aproxima.

A sua reconciliação ~~será~~ com a sociedade será completa quando chegar a hora de eu o ver elogiar o grande Julio dantas e vêr e todos outros equivalentes litteratos em que a Contemperanea seja dedicada exclusivamente ao louvor do snr. Julio Dantas e do snr. Augusto de Castro e do snr. Affonso Lopes Vieira.

Quando chegara essa hora redemptora (é aqui que tomo posições), peço-lhe que se não esqueça de mim para panegyrista. Ninguém melhor que eu pode servir, porque poucos terão tão pouco /escasso\ conhecimento da obra d'aquelles senhores.

E se a sua adaptação ao meio vae attingir o grau apothetico da canonização, critica dos snrs. Adães Bermudes, Simões Almeida Sobrinho {...} os doutos senhores que vão os visuaes atacar, então insisto absolutamente pelo cargo de elogiador. Quero tambem ser portuguez; ~~quero~~ não renuncio ao meu direito de qualquer dia ser critico como um portuguez o é. E você sabe que para o caso estou nas condições bastantes. Nada vi d'esses senhores e, ~~se como~~ como você sabe, sou inteiramente incompetente para perceber exposições, de pintura, esculptura ou architectura. Porisso quando o dia chegar, não se esqueça você de mim!

BNP/E3, 14¹ - 72^c

12
*
Tencionava dar-lhe para a Contemporanea, em seguida ao artigo sobre Antonio Botto, ~~alguns artigos~~ um ou outro artigo da mesma especie, sendo o primeiro um elogio - todo viciado, é certo, pelo facto de ser raciocinado e não dogmatico - sobre o mestre Camillo Pessanha. Abstenho-me. Está você livre, meu querido José Pacheco, do risco que correu. Mal disse que ia escrever esse artigo elogioso sobre ^(o) Camillo Pessanha, me vieram pedir que o não fizesse. A esses meus detractores objectei que Camillo Pessanha não era da minha idade, e que podia portanto elogial-o sem que alguém se ofendesse. Responderam-me que não: que, se não era da minha idade quanto á vida, o era contudo ^(todavia) quanto á data da publicação do seu livro, e pela natureza da arte que practica. Calei-me, porque a replica me convenceu. O raciocinador, quando raciocina mal, rende-se com respeito a quem raciocina bem.

Transcrição

*

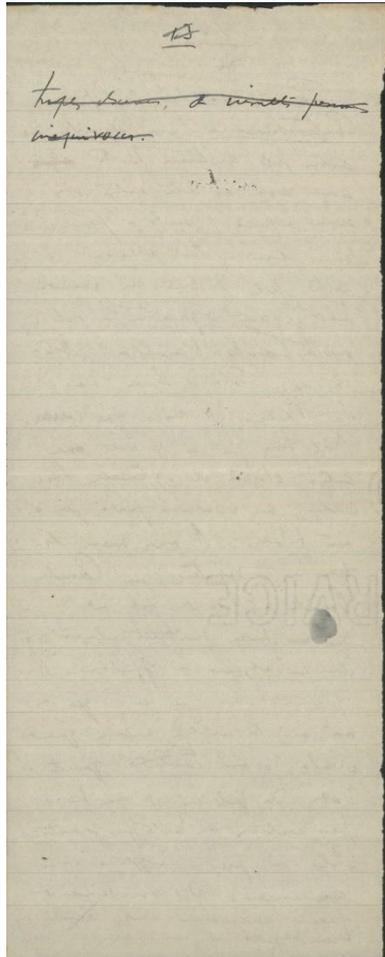
Tencionava dar-lhe para a Contemporanea, em seguida ao artigo sobre Antonio Botto, ~~alguns artigos~~ um ou outro artigo da mesma especie, sendo o primeiro um elogio - todo viciado, é certo, pelo facto de ser raciocinado e não dogmatico - sobre o mestre Camillo Pessanha. Abstenho-me. Está você livre, meu querido José Pacheco, do risco que correu. Mal disse que ia escrever esse artigo elogioso sobre ^(o) Camillo Pessanha, me vieram pedir que o não fizesse. A esses meus detractores objectei que Camillo Pessanha não era da minha idade, e que podia portanto elogial-o sem que alguém se ofendesse. Responderam-me que não: que, se não era da minha idade quanto á vida, o era contudo ^(todavia) quanto á data da publicação do seu livro, e pela natureza da arte que practica. Calei-me, porque a replica me convenceu. O raciocinador, quando raciocina mal, rende-se com respeito a quem raciocina bem.

MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 14¹ - 72^v

Transcrição



~~torpes obscenos, de insultos pessoais
inequívocos.~~

BNP/E3, 14¹ - 73^c

Não ha só isto. Entre a
collaboração, que pensei /pensando\
imprudentemente eu dar-lhe para a
Contemporanea, havia um artigo em que /pelo
qual\
eu sentia dentro de mim um carinho do
espírito. Era um artigo sobre o Mario de
Sa-Carneiro - um estudo um pouco longo,
mas um estudo (creio) de justiça, se bem
que não sem ternura, porque mesmo nós os
racionadores, que somos convidados onde
nos recebem mal e proscriptos de onde nos
pediram que fossemos, temos estes
movimentos de amizade e de recordação que
os outros mortaes julgam ser-lhes
peculiares.

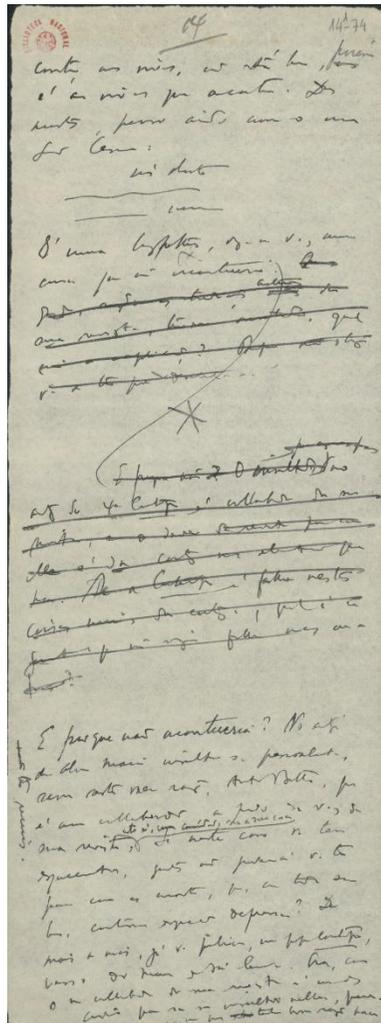
A bom tempo veio, meu querido José
Pacheco, a sua attitude para comigo e
para com os desgraçados a quem faço a
injuria publica de elogiar. Publicando o
meu artigo sobre o Mario ~~o numero~~
~~seguinte~~ e publicando, digo, na sua
revista, no seu numero seguinte, e ao
banzar á opinião vulgar, ~~o ultimo~~ viria o
inevitavel Alvaro Maia da ocasião, e esse
~~veria correspondido~~ veria, atravez de
elogios á minha intelligencia e á minha
cultura, a conspurcação systematica do
grande artista que eu teria elogiado.
Isso não, isso nunca, meu querido José
Pacheco. Que a-

Transcrição

Não ha só isto. Entre a
collaboração, que pensei /pensando\
imprudentemente eu dar-lhe para a
Contemporanea, havia um artigo em que /pelo
qual\
eu sentia dentro de mim um carinho do
espírito. Era um artigo sobre o Mario de
Sa-Carneiro - um estudo um pouco longo,
mas um estudo (creio) de justiça, se bem
que não sem ternura, porque mesmo nós os
racionadores, que somos convidados onde
nos recebem mal e proscriptos de onde nos
pediram que fossemos, temos estes
movimentos de amizade e de recordação que
os outros mortaes julgam ser-lhes
peculiares.

A bom tempo veio, meu querido José
Pacheco, a sua attitude para comigo e
para com os desgraçados a quem faço a
injuria publica de elogiar. Publicando o
meu artigo sobre o Mario ~~o numero~~
~~seguinte~~ e publicando, digo, na sua
revista, no seu numero seguinte, e ao
banzar á opinião vulgar, ~~o ultimo~~ viria o
inevitavel Alvaro Maia da ocasião, e esse
~~veria correspondido~~ veria, atravez de
elogios á minha intelligencia e á minha
cultura, a conspurcação systematica do
grande artista que eu teria elogiado.
Isso não, isso nunca, meu querido José
Pacheco. Que a-

BNP/E3, 14¹ - 74²



Transcrição

começa aos vivos, não está bem, ~~aos~~
porém é aos vivos que acontece. Dos
mortos, posso ainda com o nosso grande
Cesário:

Nós absortos

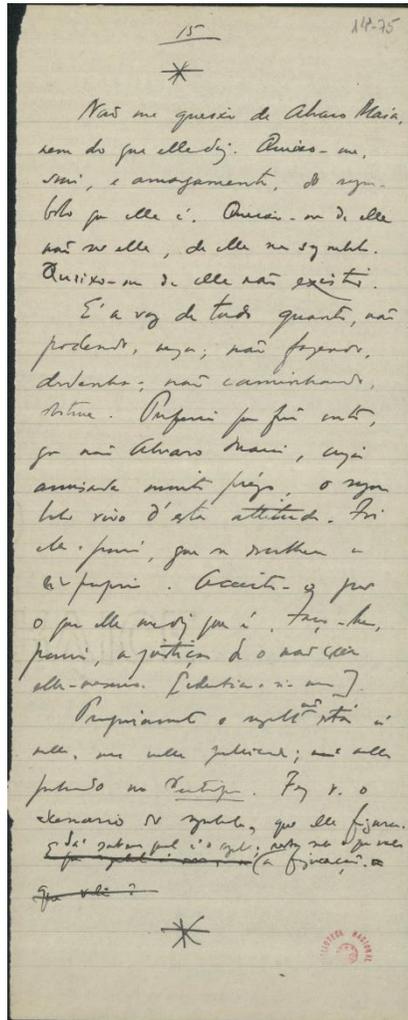
_____ nunca!

É uma hypothese, diz-me você, uma
coisa que não aconteceria. ~~Meu querido,~~
~~segundo as tradições ambas culturais da~~
~~sua revista, teria acontecido, quando~~
~~viesse a explicação? Prefiro não o + você~~
~~a ter que descrever a.~~

*
E porque não? O insulto que agora
faz ao artigo da 4^a Contemporanea é
collaborador da sua revista, se o dever
da revista para com ella é da cortesia no
elemento que ha. Se a Contemporanea falha
nestas coisas unicas da cortesia, qual é
a justiça que não seja falha nas outras?

E porque não aconteceria? No artigo
de Alvaro Maia insulta-se pessoalmente,
sem rosto nem razão, Antonio Botto, que é
um collaborador, a pedido de você, da sua
revista, isto é, um convidado seu a sua
casa. Se neste caso você tem
esquecimentos, quantos não poderá você
ter para com os mortos, que, como todos
sabem, costumam esquecer depressa? De
mais a mais, já você publicou, na propria
Contemporanea, versos do Mario de Sá-
Carneiro. Ora, como o ser collaborador da
sua revista é um dos criterios para se
ser insultado nella, parece-me que ~~estou~~
tenho boa razão para ~~não~~ ter receios.

BNP/E3, 14¹ - 75^o



Transcrição

*

Não me queixo de Alvaro Maia, nem do que elle diz. Queixo-me, sim, e amargamente, do symbolo que elle é. Queixo-me de elle não ser elle, de elle ser symbolo. Queixo-me de elle não existir.

É a voz de tudo quanto, não podendo, nega; não fazendo, desdenha; não caminhando, obstrue. Preferia que fôsse outro, que não Alvaro Maia, cuja amizade muito prezou, o symbolo vivo d'esta attitude. Foi elle, porém, que se escolheu a si-proprío. Aceito-o por o que elle me diz que é. Faço-lhe, porisso, a justiça de o não crer elle-mesmo.

/[identico a si-mesmo]\

Propramente o symbolo não está só nelle, mas nelle publicado; ~~mas~~ e nelle publicado na Contemporanea. Fez você o scenario do symbolo, que elle figura. ~~E~~ que symbolo é esse, uma Já sabemos qual é o symbolo; resta saber o que vale a figuração. ~~O~~ que vale?

*

BNP/E3, 14¹ - 76^o

16 14-26

O meu artigo Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal compõe-se de dois elementos: a demonstração de que seja o ideal, do ideal que ha, e de que seja aquelle a que a designação esthetico distinctamente compete; a applicação e demonstração de que o livro Canções, de Antonio Botto, se conforma com os attributos /characteristicos\ d'este ideal.

Qualquer contraversão da minha these força é pois que ~~assuma~~ tenha uma de 3 fórmas: ou a demonstração /prova\ de que é falsa ~~ou a minha definição do ideal, na minha divisão de ideaes, de qualquer modo, a minha e a minha analyse~~ /determinação\, o que se fará pela refutação da estrutura logica em que apoiei essa determinação; ou a prova de que é falsa a minha applicação d'essa these ao livro de Antonio Botto; ou ambas as cousas, junctas.

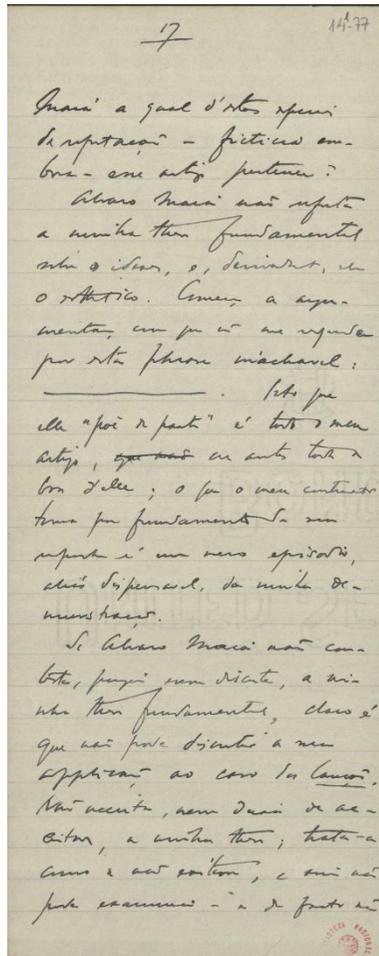
Poder-me-ha dizer qualquer leitor do artigo de Alvaro

Transcrição

O meu artigo Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal compõe-se de dois elementos: a demonstração do que seja o ideal, dos ideaes que ha, e do que seja aquelle a que a designação esthetico distinctamente compete; a applicação e demonstração de que o livro Canções, de Antonio Botto, se conforma com os attributos /characteristicos\ d'este ideal.

Qualquer contraversão da minha these força é pois que ~~assuma~~ tenha uma de 3 fórmas: ou a demonstração /prova\ de que é falsa ~~ou a minha definição do ideal, na minha divisão de ideaes, de qualquer modo, a minha e a minha analyse~~ /determinação\, o que se fará pela refutação da estrutura logica em que apoiei essa determinação; ou a prova de que é falsa a minha applicação d'essa these ao livro de Antonio Botto; ou ambas as cousas, junctas.

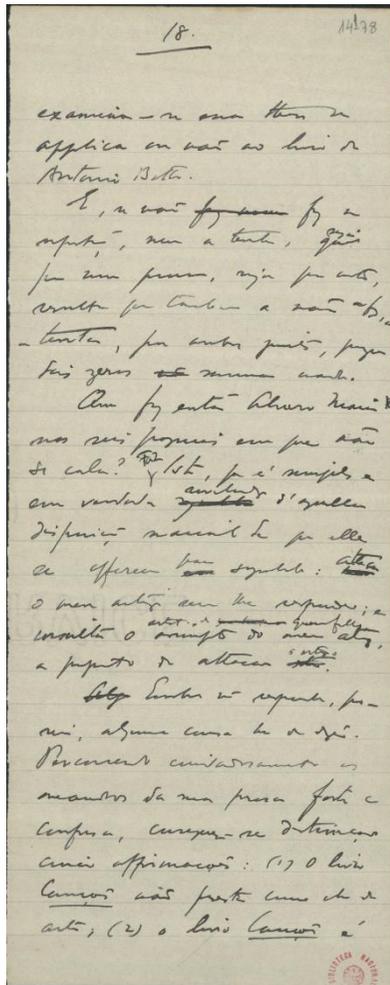
Poder-me-ha dizer qualquer leitor do artigo de Alvaro



Maia a qual d'estas especies de refutação
- ficticia embora - esse artigo pertence?

Alvaro Maia não refuta a minha
these fundamental sobre os ideais, e,
derivadamente, sobre o esthetic. Começa
a argumentação com que não me responde
por esta phrase
inachavel: _____ . Isto que elle
"põe de parte" é todo o meu artigo, ~~que~~
~~nao~~ ou antes toda a base d'elle; o que o
meu contraditor toma por fundamento da
sua resposta é um mero episodio, aliás
dispensavel, da minha demonstração.

Se Alvaro Maia não combate, poisque
nem discute, a minha these fundamental,
claro é que não pode discutir a sua
applicação ao caso das Canções. Não
acceita, nem deixa de acceitar, a minha
these; trata-a como se não existisse, e
assim não pode examinar - e de facto não



examina - se essa these se applica ou não ao livro de Antonio Botto.

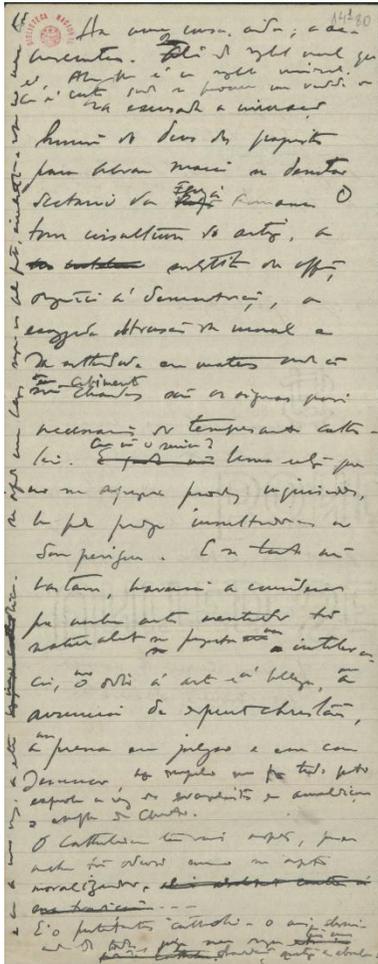
E, se não ~~fez nem~~ faz a refutação, nem a tenta, quer /seja\ por uma prova, seja por outra, resulta que tambem a não fez, nem tentou, por ambos juntos, porque dois zeros não sommam nada.

Que faz então Alvaro Maia? nas suas paginas em que não se cala? Faz isto, que é simples e em verdade ~~symbolo~~ revelador d'aquella disposição nacional de que elle se offerece ~~em~~ para symbolo: attaca o meu artigo sem lhe responder; e insulta o assumpto do meu artigo /artigo de que falla\, a proposito de attacar ~~este~~ o artigo.

Alg Embora não responda, porém, alguma cousa ha de dizer. Percorrendo cuidadosamente os meandros da sua prosa farta e confusa, consegue-se destrinçar cinco affirmações: (1) o livro Canções não presta como obra de arte; (2) o livro Canções é

BNP/E3, 14¹ - 80²

Transcrição



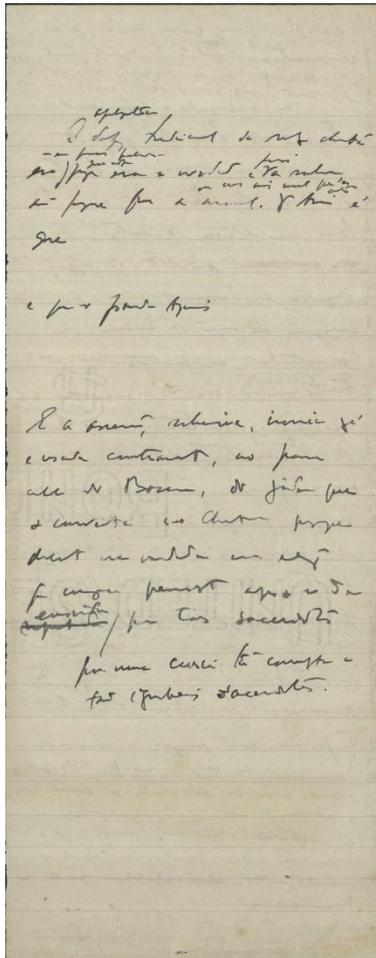
Há uma cousa, ainda; a accrescentar. Além do symbolo moral que é, Alvaro Maia é um symbolo universal. |*Ora é certo quando se procura uma verdade ou se defende uma logica, segue-se pelo facto, inevitavelmente sempre no mesmo tom. |

Era excusada a invocação luminosa do deus dos papistas para Alvaro Maia se denotar sectario da ~~Religião~~ Igreja Romana. O tom insultuoso do artigo, o ~~ar~~ ~~constante~~ substituto da affirmação dogmatica á demonstração, a exaggerada intrusão da moral e da authority em materias onde não são chamadas /teem cabimento\ são os signaes quasi necessarios do temperamento catholico. ~~E quando não~~ Como não o seria? Uma religião que no seu apogeu produz inquisidores, bem pode produzir insultadores no seu perigeu. E se tanto não bastasse, haveria a considerar que nenhuma outra mentalidade tão naturalmente ~~se~~ se projecta ~~em a~~ na intolerância, o /no\ odio á arte e á belleza, a /uma\ ausencia de espirito christão, a /uma\ pressa em julgar e em condemnar, no impulso em fazer tudo quanto exproba a voz dos evangelistas e amaldiçoa o exemplo de Christo.

O catholicismo tem varios aspectos, porem nenhum tão odioso como o seu aspecto moralizador, ~~ali absolutamente~~ ~~contra á sua tradição...~~

É o protestantismo catholico - o assim chrismado de todos, porque nem sequer ~~está na tradição Catholica~~ tem uma tradição antiga |*ou absoluta e com a mesma voz, a eterna ~~Egreja catholica~~ voz catholica. |

BNP/E3, 14¹ - 80^v



Transcrição

A defeza apologetica tradicional da religião christã era - em poucas palavras - porque /que esta\ era a verdade e porisso a salvação, não porque fosse a moral ou uma mais moral que as outras. assim é que {...}

{...} e o padre Aquino {...}

E a asserção, sobrevive, ironica já e usada contrariamente, no passo celebre do Boccaccio, do judeu que se converte ao Christianismo porque decerto era verdadeira uma religião que conseguia persistir apesar de ~~seguida da~~ ensinada por taes sacerdotes /por uma curia tão corrupta e tão ignobeis sacerdotes.\

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).